Caderno de Oração | **Família Verbum Dei** | Páscoa 2011

A Esperança é possível

"Eu faço novas todas as coisas" Ap 21,15

Equipa do Caderno de Oração
da Comunidade Missionária Verbum Dei de Lisboa:

Filipa Baptista
Francisco Valles
Manuela Cerejeira
Marta Valles
Monica Maruny
Paulo Vieira
Pilar Alonso (MVD)
Sofia Palminha
Padre Valter Malaquias
Ventura Adrover (MVD)

A Esperança é possível.

4 Chocolate e jejum ligam bem?
7 Aquele que está para além de todos os nomes conhece o teu nome

9 **Parte I** _Páscoa
10 Valerá a pena?
14 Páscoa da Ressurreição | A vida a que nos chamas
18 2º Dom. Páscoa | Convite à comunhão
23 3º Dom. Páscoa | O essencial é invisivel aos olhos
30 4º Dom. Páscoa | Eu vim para que tenham Vida e a tenham em abundância
34 5º Dom. Páscoa | Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida
37 6º Dom. Páscoa | Não vos deixarei orfãos
41 Ascensão do Senhor | Somos discípulos de Jesus
45 Dom. Pentecostes | Um Pentecostes para a vida

51 **Parte II** _A Esperança é possível
52 A Esperança é possível
56 Que saudades tenho de Ti!
59 Bíblia – o livro da Esperança
61 As sementes desabrocham no escuro
64 Por tudo nas Suas mãos

67 **Família Missionária Verbum Dei**

Chocolate e jejum ligam bem?

Peço imensa desculpa por começar este caderno assim, mas tenho uma dúvida 'existencial': podem-se comer amêndoas e ovos de chocolate durante a Quaresma?

Para mim não se devia porque a Quaresma simboliza um período de encontro com o Senhor e de conversão, ou seja, de libertação de tudo o que nos impede de viver o essencial. Ora, amêndoas e ovos de chocolate são guloseimas, são alimentos supérfluos que simbolizam alegria e festa, portanto são mais adequados para a Páscoa do que para a Quaresma... Assim, só agora é que devíamos comer amêndoas e ovos de chocolate... os supermercados andam a enganar-nos... E mais: 40 dias da Quaresma + 50 dias da Páscoa a comer amêndoas e ovos de chocolate são, ao todo, 90 dias a comer chocolate! Os supermercados devem ter um acordo com os nutricionistas a menos que, quando começar a Páscoa, o verdadeiro período de FESTA, tirem os ovos e as amêndoas das prateleiras...

(Qualquer dia expulsam-me da equipa do caderno com tantas asneiras que escrevo, mas não é por acaso que escrevo isto...)

Sinto que começo a Páscoa com um espírito negativo por força da situação em que o país se encontra, por um problema de mentalidade que nós, portugueses, temos e ainda pela sociedade em que vivemos.

Muito honestamente, olho para o lado e vejo tudo ao contrário (como sejam os supermercados a venderem os ovos e amêndoas de chocolate a seguir ao Carnaval) e eu própria sou invadida por um espírito de negativismo de que dificilmente me desprendo. Tenho que fazer um esforço para me colocar diante do Senhor e pedir-lhe que me devolva o espírito de optimismo que tão bem O caracteriza!

Porque com a crise financeira do país, a instabilidade política e eleições novamente, os assaltos que oiço todos os dias acontecer, tantas pessoas a ficar sem emprego, os casamentos a desfazerem-se com tanta 'facilidade', as greves a toda a hora... com que espírito de festa consigo entrar na Páscoa? Nem sequer os símbolos de festa (fim do jejum, por exemplo) me ajudam porque nem sequer os vivi como deve ser durante a Quaresma (fartei-me de comer amêndoas).

O medo invade-me apesar de estarmos já na Páscoa...

E penso que Deus é este que me habita e que, ao ressuscitar, me deixa na mesma angustiada...?!

É um Deus à minha imagem... muito pequeno, indefeso, que nada pode porque é fruto do que eu penso que melhor me convém.

Domesticado, alterado a ponto de encaixar nos comodismos desta sociedade como comer ovos e amêndoas de chocolate na Quaresma...

Noutro dia entrei numa Igreja evangélica e uma coisa chamou-me a atenção: para eles, Jesus é o único caminho para Deus..."

Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim." Jo 14, 6

Não sei se Jesus teria um ataque de nervos ao ver os ovos e as amêndoas de chocolate nas prateleiras dos supermercados antes da Páscoa (também não é muito importante para o caso), mas tenho a certeza que Jesus ficaria triste ao ver-me entrar na Páscoa cheia de medos.Se Jesus fosse o único caminho para eu chegar a Deus e a relação com Ele me ajudasse a orientar o meu dia-a-dia em função do seu amor em mim, entraria na Páscoa com menos medos, angústias e receios.

Se eu rezasse como deve ser e deixasse que Jesus me ajudasse a transformar atitudes minhas concretas, a controlar desejos e emoções de maneira a poder viver mais liberta do

meu egoísmo e da opinião dos outros, a confiar mais no poder criador de Deus e por isso a desprender-me da ideia de que controlo imensas coisas... quando a Páscoa chegasse e os supermercados pusessem, no lugar dos ovos e amêndoas de chocolate, fatos-de-banho, baldes, pás e ancinhos, eu não me 'stressaria' nem me angustiaria porque o meu coração estaria sereno e em paz por podermos viver 50 dias de festa por termos um Deus amor entre nós!

Aquele que está para além de todos os nomes conhece o teu nome

Há uma lenda do Oriente sobre um viajante que se dirigia para uma grande cidade. Uma noite conheceu dois outros caminhantes. Um chamava-se Medo e outro Calamidade. Calamidade explicou ao viajante que, quando chegassem ao destino, esperava-se que matassem 10 mil pessoas. O viajante perguntou a Calamidade se iria encarregar-se sozinho de toda a matança.

"Não, de todo", respondeu Calamidade. "Eu só vou matar umas centenas. O meu amigo Medo acabará com os restantes."

*****

Quanto da nossa vida é morta ou roubada pelo medo? Não aqueles medos de coisas como um holocausto nuclear, mas medos pequenos e insignificantes que lentamente devoram as melhores partes da vida: Será que o novo professor me vai detestar? De certeza que eles vão gozar com o meu discurso? Vou reprovar no exame!

Mas o medo não é o único ladrão que se esconde dentro de nós. Há um exército inteiro de pequenos parasitas que nos podem enganar: ressentimentos causados por desfeitas ocorridas há muito tempo; zangas originadas por disputas fúteis; competição cruel por coisas secundárias; cortes de relações motivadas por teimosias acerca de questões irrisórias; deceções que debilitam toda a existência.

Como é que podemos escapar das garras deste ardiloso bando de gatunos? Podemos começar por fazer algo muito simples: levantar os olhos e olhar para o céu. Há 50 biliões de galáxias no espaço, algumas afastando-se de nós a milhões de km por hora! Com o telescópio Hubble podemos ver a luz que as estrelas mais distantes emitiram há 12 biliões de anos!

Algumas já morreram há milhões de anos mas só agora é que a sua luz chega até nós. Parece que este imenso universo não tem fim, não tem margens, não tem limites! E ainda assim, com toda a sua vastidão e idade, não passa de uma criação, de algo feito por alguém.

E sobre este alguém, o Criador? Chamamos-lhe "Deus", mas na verdade Ele é demasiado grande para ser nomeado ou sequer imaginado. Diante do Criador deste imenso e antigo universo, parecemos apenas pontinhos minúsculos. Mas mesmo assim Ele diz-nos que o nome de cada um de nós está escrito na palma da sua mão e que conhece todos os cabelos da nossa cabeça. Para além de toda a compreensão, chama-nos "filhos" e quer que façamos parte da sua família para a eternidade.

O que é que devemos temer? Se deixarmos que Deus seja Deus para nós, de que é que devemos ter medo? Quem nos pode tirar a vida? Ou a alegria? Ninguém, a não ser nós próprios!

Somos feitos à semelhança de Deus, com o poder de amar e dar vida e felicidade. O nosso trabalho para toda vida, cada um à sua maneira, é este: darmos a vida uns pelos outros tal como Deus no-la dá continuamente.

O nosso destino está para além de todas as expetativas humanas. Que neste dia e para sempre Deus nos ajude a ser fiéis a esse fim último.

P. Dennis ClarkIn

Catholic ExchangeTrad./adapt.: rm © SNPC (trad.) I 07.11.10

parte I

páscoa

Valerá a pena?

Valerá a pena acreditar em Deus?

Valerá a pena acreditar que Jesus, que viveu há 2000 anos, está vivo no meio de nós?

Todas as pessoas que me acompanham de perto sabem que quando fiz umas cadeiras de Teologia sobre o Antigo Testamento, fui-me abaixo na Fé. E a verdade é que, desde então, nunca mais acreditei em Deus da mesma maneira.

Um padre que me tem acompanhado e com quem faço discernimento espiritual diz que esta fase é 'boa' por me permitir amadurecer na Fé, deixando uma Fé mais infantil e agarrada à letra da Palavra para uma relação com Deus mais consciente e adulta.

Tem sido difícil amadurecer no relacionamento com o Senhor e muitas vezes tenho saudades dos momentos de grande emoção que me invadiam na capela... mas não trocava por nada deste mundo a secura da oração por momentos passados, porque nunca, como agora, me senti tão bem comigo própria, com os outros e com a vida... donde depreendo que ainda que não O sinta tão próximo, nunca tive tanta certeza de ser habitada por Deus... ou eu não me sentisse assim!E o mais engraçado é que ainda que a minha Fé ande por baixo, é exactamente quando oiço agnósticos e ateus a falarem mal de Deus e de quem tem Fé, que eu 'enterro' mais os meus pés em terreno sagrado... Daí ter escolhido a canção que em baixo aparece.

Não sei exactamente como tudo aconteceu há aproximadamente 2000 anos mas sei que, se há alguém responsável pela serenidade quando aceitamos os outros com os seus defeitos, quando nos entregamos aos outros com gratuidade, quando acolhemos, em paz, a vida com as suas

vicissitudes, esse alguém é Deus e não eu própria. De certeza absoluta, porque, como disse Einstein: “A maturidade humana é directamente proporcional ao silêncio do ego” e silenciar o ego só é possível com a ajuda e a força de um AMOR maior.

Mesmo que um dia descubra que Deus ressuscitado é uma invenção, valeu seguramente a pena ter acreditado nele porque crescer no AMOR é infinitamente melhor do que deixar-me contaminar por tudo o que não é amar como Jesus amou e, muito provavelmente, ama, hoje, em cada um de nós...Porque afinal experimento que “contra factos, não há argumentos”!

Já terá valido a pena

Cada vez que digo que sou crente
Aparece algum valente que me julga,
Com a voz cobarde do intransigente
Que surge sempre da censura.

Esses que presumem ser inteligentes
E procuram a sua razão na incultura
Porque não entendem que a Fé me torna mais forte.

Que simplesmente é uma invenção dos padres
Que surge sem mais nada,
Que surge por medo face à morte.
E quem se ofende se a Deus dou graças,
E quem se ofende se lhe peço proteção,
Que diferença faz ter alguém que me compreende
Se acreditar me torna mais forte
E me faz ser melhor pessoa.

Se só encontro Deus no amor
E não nas mãos indecentes,
Que se justificam se o adoram
Nem nas mãos de pedófilos,
Nem daqueles que mataram
E juraram em seu nome.
Deus está nas mãos do que ajuda
De quem não pergunta nunca
E que nos perdoa os erros.

Esse é o Deus que me enche
Esse é o Deus que me ilumina
E se no mesmo dia em que eu morra
Comprove de verdade que não existe
A mesma Fé que muitos eliminariam
Se me fez feliz toda a minha vida
Já terá valido a pena,
Já terá valido a pena.

Canção semi-finalista do Carnaval de Cádiz 2011

A Vida a que nos chamas

Act.10, 34ª. 37-43

Sal. 117, 1-2. 16-17.22 – 23

Cor.5, 6b – 8

"Não é digno o vosso motivo de orgulho! Não sabeis que um pouco de fermento faz levedar toda a massa? Purificai-vos do velho fermento, para serdes uma nova massa, já que sois pães ázimos. Pois Cristo, nossa Páscoa, foi imolado. Celebremos, pois, a festa, não com o fermento velho, nem com o fermento da malícia e da corrupção, mas com os ázimos da pureza e da verdade." (Cor.5, 6b – 8)

Jo. 20, 1-9

"No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao túmulo logo de manhã, ainda escuro, e viu retirada a pedra que o tapava. Correndo, foi ter com Simão Pedro e com o outro discípulo, o que Jesus amava, e disse-lhes: «O Senhor foi levado do túmulo e não sabemos onde o puseram.» Pedro saiu com o outro discípulo e foram ao túmulo. Corriam os dois juntos, mas o outro discípulo correu mais do que Pedro e chegou primeiro ao túmulo. Inclinou-se para observar e reparou que os panos de linho estavam espalmados no chão, mas não entrou. Entretanto, chegou também Simão Pedro, que o seguira. Entrou no túmulo e ficou admirado ao ver os panos de linho espalmados no chão, ao passo que o lenço que tivera em volta da cabeça não estava espalmado no chão juntamente com os panos de linho, mas de outro modo, enrolado noutra posição. Então,

Jo. 20, 1-9 entrou também o outro discípulo, o que tinha chegado primeiro ao túmulo. Viu e começou a crer, pois ainda não tinham entendido a Escritura, segundo a qual Jesus devia ressuscitar dos mortos." (Jo. 20, 1-9)

Chegámos à Páscoa!

Muitos não sabem, mas nesta quaresma, eu não saí da introdução ao caderno da quaresma… sim, a "história" das cruzes e das cruzes que carregamos tem-me dado muito que rezar! O que nos limita? O que carregamos connosco? E eis que chegamos à Pascoa! Sempre foi um momento que me custou, porque nem sempre me senti "ressuscitada", nem sempre fui capaz de acolher esta nova vida a que o Senhor nos convida.

Durante muitos anos, carreguei a cruz da infertilidade, era assim (como cruz) que o sentia… o beco sem saída a que fui dar, aquilo que nunca sequer imaginei para mim… aquilo que mexeu com os meus sonhos: porque ninguém sonha ser infértil... O sonho de ser família, de dar vida a alguém. Até que, mês após mês, ano após ano, o sonho não se concretiza…. Passa-se o mesmo com muitas pessoas que conheço – não no que toca à infertilidade, propriamente dita, mas quantos de nós sonharam encontrar alguém para partilhar a vida e (ainda) não encontraram? Quantos sonharam com um trabalho que os realize e não sirva só para arranjar sustento para si e para os seus? Quantos sonharam com uma vida cheia de gente amiga e passam tanto tempo sozinhos? Quantos sonharam com uma vida com saúde e

vivem/convivem com a doença? Quantos de nós vivemos situações de morte e nem sequer nos apercebemos? Ou não sabemos como sair delas? “Não sabeis que um pouco de fermento leveda toda a massa? Purificai-vos para serdes nova massa. Celebremos a festa, não com velho fermento, mas … na pureza e na verdade”

O Senhor convida-nos a olhar para o nosso coração de frente, a deixarmos cair as últimas “ligaduras”, a olharmos para as nossas limitações – o que nos impede de viver os nossos sonhos? O que nos impede de viver o sonho que Deus tem para nós? À primeira vista, o nosso coração pode até parecer como aquele sepulcro: vazio… mas será? “Inclinando-se, viu os panos de linho por terra mas não entrou” Temos medo de olhar, como Pedro?Olhar para as nossas limitações, aquelas mais íntimas, que não partilhamos com mais ninguém, custa, às vezes dói… mas e agora, Senhor, a que vida nas chamas?

É tempo de olhar: é tempo de ver e crer naquilo que o Senhor a cada um promete. A mim prometeu-me uma família, que agora se concretizou na vinda dos meus dois filhos… e agora vivo uma vida nova.

É tempo de esperança! O Sepulcro afinal não está vazio! É tempo de recomeçar, de abrir os braços a este Deus que se renova e faz nascer a esperança para cada um de nós.

É tempo de acreditar: afinal, a Deus nada é impossível!

Um novo começo

Um novo começo! Temos de aprender a viver cada dia, cada hora, cada minuto, como se fora um novo começo, uma oportunidade única para tornar tudo novo. Vamos imaginar que podemos viver cada momento com um momento cheio de nova vida. Vamos imaginar que podemos caminhar pelo ano fora, sempre à escuta de uma voz que nos diz: "Eu tenho um dom para ti e estou ansioso por que tu o vejas!". Vamos imaginar.Será possível que a imaginação nos conduza à verdade da nossa vida? Sim, é possível! O problema é permitirmos que o nosso passado, que se alonga cada vez mais, nos persuada desta forma: "Tu já sabes tudo, já viste tudo; sê realista. O futuro não será senão a repetição do passado. Procura sobreviver o melhor possível." E há também muitas vozes astutas a sussurrar-nos aos ouvidos: "Não há nada de novo debaixo do sol… não te deixes enganar."Quando damos ouvidos a estas vozes, acabamos por lhes dar razão: o nosso novo ano, o nosso novo dia, a nossa nova hora tornam-se vulgares, aborrecidos, vazios, sem nada de novo. Então, que devemos fazer? Antes de mais, devemos pôr de parte estas vozes tentadoras. Depois, temos de abrir a mente e o coração à voz que ressoa nos vales e nos montes da nossa vida: "Deixa-me mostrar onde Eu vivo com o meu povo. O meu nome é Deus-contigo". Eu enxugarei as lágrimas dos teus olhos; não haverá mais morte, nem pranto, nem gritos, nem dor, porque o mundo passado já não existe".Temos de optar por dar ouvidos a esta voz; e então, cada escolha abrir-nos-á um pouco mais no sentido da descoberta da nova vida escondida em cada momento, na espera ansiosa de nascer.

Henri J.M. Nouwen, *"Aqui e Agora, Vida no Espirito"*

Convite à Comunhão

I Actos 2, 42-47

Salmo 117 (118), 2-4.13-15.22-24

1 Pedro 1, 3-9

Jo 20, 19-31

«Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fracção do pão e às orações. Perante os inumeráveis prodígios e milagres realizados pelos Apóstolos, o temor dominava todos os espíritos. Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum. Vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos, de acordo com as necessidades de cada um. Como se tivessem uma só alma, frequentavam diariamente o templo, partiam o pão em suas casas e tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e tinham a simpatia de todo o povo. E o Senhor aumentava, todos os dias, o número dos que tinham entrado no caminho da salvação.»

«Eu faço novas todas as coisas» Ap. 21, 5

Depois de tantos anos de catequese, grupos e afins, temos mesmo de ser capazes de "fazer novas todas as coisas". Há leituras que já lemos muitas vezes e podemos cair no erro de pensar: "esta leitura? Não! já a li, não me interessa, não a percebo ou já a sei de cor".

Sempre gostei desta leitura, mas acho que cada vez mais a sinto como uma utopia, um sonho impossível de alcançar, cada vez estamos mais longe destas primeiras comunidades.

Quando saí de casa dos meus pais tentei fazer uma comunidade que tivesse esta ideia como fundo. Mas não consegui, não encontrei quem partilhasse das minhas ideias e necessidades.

Neste momento vivo com o meu marido e filhos. Gostava de viver numa "qualquer" comunidade com os meus vizinhos do lado, da frente… Mas estamos longe disso. Por vezes até a nossa família alargada: pais, irmãos, avós, tios não fazem parte da nossa comunidade.

Actualmente parece que não tenho tempo nem para o essencial. Não tenho tempo para falar com o meu filho mais velho e só trabalho até às 17h! Como vou ter tempo para partilhar com a minha comunidade? Um dos bens mais preciosos que temos é o nosso tempo. Como estamos a organizá-lo? Quanto tempo despendemos a dormir, a trabalhar, a fazer desporto, a conversar com quem mais gostamos, a conversar com Deus, a ver televisão, quanto tempo despendemos com a nossa comunidade, com quem mais precisa de nós?

Quando estava na faculdade, uma vez estava a fazer um trabalho de grupo e fizemos uma directa para adiantar o trabalho (estávamos a stressar que não o íamos acabar a tempo) mas no domingo à tarde um dos colegas propôs: vamos à missa? Podia parecer beato, no meio do stress do trabalho falar de ir à missa. Até podia parecer irresponsável. Mas eu achei óptimo! E lembro-me muitas vezes da sua atitude.

Por vezes é difícil sermos assíduos "à união fraterna, à fracção do pão e às orações". É preciso percebermos que essa assiduidade nos dá maior alegria, maior energia, maior bem-estar.

Há uns tempos tentei falar com o Padre que dá religião e moral ao meu filho mais velho. O seu horário de "atendimento" era muito apertado, então propus falarmos naquele próprio dia depois da missa. Ficou reticente… Não era o procedimento habitual, mas poderia ser… Fiquei sem vontade de falar. Quando vamos à missa além de estarmos com Deus vamos para estar em comunidade, senão podíamos ficar em casa a rezar sozinhos. Quando o próprio celebrante não está muito disponível para falar com a sua comunidade, torna-se complicado. Confesso que acabei por não falar com ele! Tenho que me organizar para ir lá no seu horário de "atendimento": 4ª e 6ª feira das 17h às 17h45!

"Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum. Vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos, de acordo com as necessidades de cada um."

Será que conseguimos fazer isto? Ou achamos sempre que ganhamos pouco? Que o nosso chefe nos devia aumentar e que há tanta coisa que não conseguimos ter e fazer porque não temos dinheiro? Seremos capazes de dar de forma livre, sem pedir nada em troca? Os nossos próprios pais dão-nos tanto, e nós que fazemos por eles? As missionárias dão-nos tanto e nós lembramo-nos de pelo menos perguntar o que elas precisam?

Vamos organizar o nosso tempo, vamos pôr-nos à disposição da nossa comunidade? Vamos viver tendo em atenção as necessidades de cada um?

Façamos nova a ideia das primeiras comunidades. Vamos tentar adaptá-la aos nossos dias, à nossa vida.

Sabedoria Saber agradecer!

Uma atitude que nos devia acompanhar sempre é a gratidão. Há quem agradeça pouco, há quem pense que tudo lhe é devido e por isso anda sempre mal com o mundo. Mas também há quem saiba ver, mesmo nas coisas desagradáveis e difíceis, ocasiões para crescer e se purificar. A esses nunca faltam razões para agradecer.

Sentar-se e fazer contas! Contas financeiras, essas fazemos muitas vezes, mas deitar contas à vida, para ver como posso ser mais capaz de servir e dar alegria aos que me rodeiam, isso é mais exigente e esquece-se com facilidade. Uma boa ideia seria, antes de começar a fazer qualquer coisa, parar e pensar: como é que eu posso ser um elemento construtivo e que traga esperança aos outros?

Estamos sempre em dívida perante os outros. S. Paulo disse esta coisa espantosa: "Não fiqueis a dever nada a ninguém, a não ser o amor que devemos uns aos outros." Nunca deixo de ser devedor de amor! Nunca posso dizer que trato alguém bem de mais. E, pela nossa limitação e egoísmo, ficamos sempre aquém daquilo que devíamos dar.

Não podemos viver sem coragem! Sem coragem ninguém sairia de casa, ninguém entraria num avião, ninguém ligaria um aquecedor. Tudo pode rebentar! Mas a coragem maior é aquela de que precisamos para sermos coerentes connosco próprios e com os nossos valores, sobretudo quando todos os atacam ou se riem deles. Sem coragem não há personalidade nem felicidade!

O grande engano da mediocridade! Este é um alerta para os nossos dias. O fácil, o imediato, o que dá para todos, o que passa por democrático, o que está "benzinho" e mediano, parece, tantas vezes, a solução. Não fazer ondas, ceder, ir pelo mais ou menos, vale tudo desde que não

chegue cá o incómodo: este é o retrato dos desiludidos! Nivelar por baixo não é caminho, é engano.

Podemos ver aquilo que nos rodeia como uma realidade opaca: um écran que está ali e não é mais do que isso. Mas há uma maneira de olhar o mundo, de vê-lo no seu conjunto e na sua profundidade, que torna a realidade transparente. Então cada coisa revela uma história, um sentido, um valor… Quando conseguimos olhar deste modo para o mundo, sentimos que vale a pena viver.

Meditar a vida! A palavra "meditação", em grego, vem daquilo que faz a abelha: meléte, o laborioso trabalho para fazer mel. Mas há quem seja como a formiga que produz continuamente: lê livros, vê filmes, viaja pelo mundo, consome todas as notícias, mas não labora, não faz mel. É uma tentação comum ser como a formiga rica, que despreza a cigarra gaiteira. Mas a formiga não chega aos calcanhares da abelha.

Vasco Pinto Magalhães, SJ

O essencial é invisível aos olhos

Act 2, 14. 22-33

Sal 15, 1-2a e 5. 7-8. 9-10. 11

1 Pedro 1, 17-21

Lc 24, 13-35

Nesse mesmo dia, dois dos discípulos iam a caminho de uma aldeia chamada Emaús, que ficava a cerca de duas léguas de Jerusalém; e conversavam entre si sobre tudo o que acontecera. Enquanto conversavam e discutiam, aproximou-se deles o próprio Jesus e pôs-se com eles a caminho; os seus olhos, porém, estavam impedidos de o reconhecer. Disse-lhes Ele: «Que palavras são essas que trocais entre vós, enquanto caminhais?» Pararam entristecidos. E um deles, chamado Cléofas, respondeu: «Tu és o único forasteiro em Jerusalém a ignorar o que lá se passou nestes dias!» Perguntou-lhes Ele: «Que foi?» Responderam-lhe: «O que se refere a Jesus de Nazaré, profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo; como os sumos sacerdotes e os nossos chefes o entregaram, para ser condenado à morte e crucificado. Nós esperávamos que fosse Ele o que viria redimir Israel, mas, com tudo isto, já lá vai o terceiro dia desde que se deram estas coisas. É verdade que algumas mulheres do nosso grupo nos deixaram perturbados, porque foram ao sepulcro de madrugada e, não achando o seu corpo, vieram dizer que lhes apareceram uns anjos, que afirmavam que Ele vivia. Então, alguns dos nossos foram ao sepulcro e encontraram tudo como as mulheres

Lc 24, 13-35 tinham dito. Mas, a Ele, não o viram.» Jesus disse-lhes, então: «Ó homens sem inteligência e lentos de espírito para crer em tudo quanto os profetas anunciaram! Não tinha o Messias de sofrer essas coisas para entrar na sua glória?»

O episódio dos discípulos de Emaús é daqueles que oiço falar desde que me lembro de ir à missa e que na catequese frequentemente se dava uma atenção muito especial. Sempre ouvi pessoas mais velhas falarem desta passagem como um episódio carregado de sentido para a sua vida e para a sua fé. Mas acima de tudo fui assumindo sempre que para a Igreja este texto significava muito, que nele estava presente algo muito importante, que nele se encontrava sentido para a vida da Igreja. Talvez por ter tido esta experiência, sem nunca ter de facto olhado a sério para a passagem, tenha criado uma certa distância em relação ao texto, provavelmente fui cristalizando a imagem, injusta e infundada, de um texto doutrinário, catequético, que tinha muita riqueza, mas provavelmente seria reservado para os teólogos. Seguramente os teólogos gostarão deste texto e garantidamente terá uma carga muito grande no sentido da Igreja, mas estava totalmente errado quanto à riqueza da experiência pessoal nele presente.

Se lermos este texto no seguimento dos episódios anteriores apercebemo-nos que à partida é uma história menor no meio daquilo tudo. Jesus tinha morrido. Tinha até ressuscitado. Há onze apóstolos, Maria e as “mulheres”. Os tribunais e os romanos que o condenaram, tanta gente mais importante

nesta história e que se fala pouco e alguns deles mesmo nada. Porquê falar de dois discípulos de que só sabemos o nome de um? O que tem isto de tão especial que mereça ser pintado por Rembrant ou Velazquez? O que tem para inspirar e dar sentido ao movimento de Abbé Pierre? O que tem isto de tão especial para caber na parte mais importante da história da vida de Jesus? Seria como agora que cai o governo e um jornalista fosse entrevistar dois homens da aldeia! Jesus aparece a dois aldeões de Emaús, aparece aos homens do seu tempo, aparece a mim. Esta pode ser a história da nossa relação com a vida e o que Jesus tem a dizer sobre ela. Obviamente que o episódio é descrito e colocado com intenção. Este episódio cabe na parte mais importante da vida de Jesus porque revela o mais importante de Jesus. Permite-nos compreender novamente que a sua intencionalidade é um encontro pessoal que anima e autonomiza, não através de um exemplo ou referência distante, porque é um encontro, um encontro que recentra a nossa vida, dá-lhe ânimo e desde o centro da nossa desilusão revitaliza-nos.

Por sorte Lucas não diz o nome do segundo discípulo, fala apenas de Cléofas, portanto vamos assumir que o segundo é uma incógnita. Neste caminho vou eu (Cléofas) e a minha mulher. Eu e o meu pai. Eu e o meu filho. Eu e o meu amigo. Eu e a minha irmã, colega, chefe ou sócio. Cléofas e X estavam desiludidos depois da euforia.

A última semana tinha sido uma promessa de grandes projectos, de ambição, de sonhos daquelas pessoas que seguiam Jesus. A entrada em Jerusalém materializava tudo isto, sim era possível Deus estar entre nós. Mas a última ceia fora o início da confusão, da emoção, das dúvidas. A perseguição e os tribunais, o pôr em causa e fugir. A morte, o

confronto final com a realidade de que tinha corrido mal. Os dois dias de espera foram o tempo em que aguardaram que se cumprissem as promessas que aquele homem, Jesus, lhes tinha feito. Foi a esperança tenebrosa de que algo faria com que a história acabasse bem. O chamado milagre, que ao terceiro dia parecia não acontecer. Para eles tinha acabado o tempo em que deviam esperar por falsas promessas.

Nesta leitura vejo que a desilusão também passa pelas expectativas desadequadas que colocamos. Os discípulos acreditavam num salvador que viria fazer justiça, que não se deixaria matar nem ser vítima. Provavelmente, esperavam que aparecesse ao terceiro dia em seu pleno vigor, rapidamente para mostrar que não tinha morrido. Mas realmente não era essa a intenção que Jesus trazia e por isso quando O encontraram, não foram capazes de o reconhecer. Lamentavam-se pela esperança perdida. Conheciam tudo aquilo que se tinha passado, as profecias e a intenção de Jesus, mas não foram capazes de reconhecê-Lo quando O viram ou perceber toda a mensagem e experiência que Jesus lhes tentava passar.

Os seus modelos pré-formatados de “salvação” e libertação não lhes permitia identificar e perceber que as promessas de Jesus se cumpriam. O seu cepticismo de não querer acreditar nesta forma de ressurreição cegava-os e não eram capazes de ver o evidente. E é engraçado observar que, apesar de eles não O reconhecerem, o seu coração já pressentia a Sua presença. Eles próprios, olhando para trás, conseguem depois identificar claramente que só podia ser Jesus e que o seu coração já se tinha apercebido que era Ele. E foi apenas no partir do Pão, um momento e atitude que Lhe era tão próprio é que O descobriram. Apesar de tantas pistas dadas e indicações, só conseguiram reconhecer Jesus por aquilo que

lhe era próprio, não evidente nem observável, mas apenas sentido e vivido.

Olhando para este percurso identifico-o com muitas situações na minha vida, na vida de outras pessoas e até na nossa vida colectiva. Sinto que isto acontece tanto em situações em que dependo exclusivamente de outros como naquelas em que mesmo fazendo tudo bem parece que as coisas não acontecem. Parece que somos cépticos e cegos por não ver o óbvio porque estamos à espera que as situações sejam resolvidas à nossa maneira ou como achamos que seria melhor. Mas Jesus não é assim que resolve as situações nem nos dá a chave facilmente. Dá-nos sinais da sua vivência para que então por aí O possamos reconhecer, não se apresenta. Só através do essencial e da atitude O podemos reconhecer (ao partir do pão), pois o essencial é invisível aos olhos mas aquece o coração. A chave que falta é o efeito que Jesus tem nestes discípulos.

O que os reanima? O que me reanima?

Que luz surge que os faz esquecer tudo e recomeçar? O que os faz acreditar novamente? Que click surgiu que os fez tomar consciência desta nova realidade?

Que presença tem Deus na minha vida nestes momentos? O que me faz revigorar-me? Novas promessas? Um sentido renovado alicerçado no facto de eu ser o protagonista da minha história? Um sentido renovado alicerçado no facto de os outros serem os protagonistas da minha história? Um ajuste de contas?

Onde estou à espera que Jesus ressuscite?

Que preconceitos ou previsões sinto que me impedem de reconhece-lo?

Que desilusões tive onde esperava outro tipo de final?

Como consideraria como “vitória” o desenrolar de acontecimentos menos favoráveis da minha vida?Em que momentos senti que vivi um momento, em que o coração fervia?

Que marca espero encontrar numa situação vivida com o Senhor?

O SENHOR RESSUSCITOU

O Senhor ressuscitou,
vencendo a morte na cruz.
Nossa esperança está n'Ele,
Ele é o nosso Salvador.
Atrás ficou o temor,
a dúvida e a pouca fé.
Tornemos realidade
um Reino novo de Amor.

SOMOS TESTEMUNHAS DA RESSURREIÇÃO
ELE ESTÁ AQUI,
ESTÁ PRESENTE,
É VIDA E É VERDADE.
SOMOS TESTEMUNHAS DA RESSURREIÇÃO.
ELE ESTÁ AQUI,
SEU ESPÍRITO
NOS MOVE PARA AMAR.

Tu nos reúnes, Senhor,
em torno do vinho e do pão,
e nos convidas a ser
a luz do mundo e o sal.
Onde houver ódio e dor
faremos surgir a Tua paz.
Em cada gesto de amor,
Maria, Mãe, estarás.

Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância.

Act 2, 14a. 36-41

Sal 22, 1-3a. 3b-4. 5. 6

1 Pedro 2, 20b-25

Jo 10, 1-10

«Em verdade, em verdade vos digo: quem não entra pela porta no redil das ovelhas, mas sobe por outro lado, é um ladrão e salteador. Aquele que entra pela porta é o pastor das ovelhas. A esse o porteiro abre-a e as ovelhas escutam a sua voz. E ele chama as suas ovelhas uma a uma pelos seus nomes e fá-las sair. Depois de tirar todas as que são suas, vai à frente delas, e as ovelhas seguem-no, porque reconhecem a sua voz. Mas, a um estranho, jamais o seguiriam; pelo contrário, fugiriam dele, porque não reconhecem a voz dos estranhos. Jesus propôs-lhes esta comparação, mas eles não compreenderam o que lhes dizia. Então, Jesus retomou a palavra: «Em verdade, em verdade vos digo: Eu sou a porta das ovelhas. Todos os que vieram antes de mim eram ladrões e salteadores, mas as ovelhas não lhes prestaram atenção. Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim estará salvo; há-de entrar e sair e achará pastagem. O ladrão não vem senão para roubar, matar e destruir. Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância.

Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância". Esta é a frase que para mim melhor descreve o projecto de Jesus. E esta é provavelmente a principal razão pela qual o projecto que Jesus apresenta me "convence" e atrai. Deus tem sonhos grandes para a nossa vida! Deus é um Pai ambicioso que sonha para os seus filhos o melhor. Mas só podemos conhecer este projecto de vida abundante quando estamos dispostos a escutar o Senhor com o coração. Mas há tantas vozes, tantos ruídos, tantas interferências… É fácil ficar pelo imediato e escutar apenas as vozes que gritam! Mas Deus não se impõe e por isso é tão difícil escutar se não serenamos, se não fazemos silêncio. Mas todos sabemos que no nosso íntimo, no silêncio mais profundo do nosso coração está Deus… e por isso também "sabe a pouco" quando tudo o que escutamos (e vivemos) são as vozes do sucesso, da valorização profissional e social, das modas, do cansaço, da crise… Podemos fazer duas grandes opções na nossa vida: viver aquilo em que acreditamos ou acreditar no que vivemos. E é por isso que o Senhor hoje nos volta a dizer: "Tu podes viver mais! Escuta: Eu vim para que tenhas vida e a tenhas em abundância". Só temos uma vida… e por isso é hoje e agora que temos de viver os sonhos grandes de Deus, esta vida de abundância e amor fraterno a que Ele nos chama. Mas temos de fazer opções. Temos, livremente, de optar pelos projectos que nos façam viver a vocação de filhos, capazes de amar ao "ritmo de Deus". Escolher um projecto de vida é muito mais do que fazer "coisas". É uma atitude interior, uma mentalidade, uma intencionalidade que colocamos em tudo, TUDO o que fazemos. Não é algo esotérico que me aquece o coração mas que não tem implicações no dia-a-dia. É nos gestos, nas palavras, nas pequenas e grandes opções que tudo se joga. É

na forma como nos relacionamos com todo e qualquer um, na escuta, na partilha, na disponibilidade, que o projecto ganha forma e encontramos então o dom e o privilégio de vivermos a vocação de filhos de Deus. Filhos amados e chamados a amar com um amor muito além das nossas capacidades.

Só tens uma vida, uma oportunidade para VIVER. Ficas a ver… ou vens viver?

Usar bem a liberdade

«Não sei se isto está bem ou está mal. Sinceramente, quero lá saber! O que eu sei é que gosto disto. E também sei que sou livre. Ninguém, nem Deus , me pode impedir de fazer aquilo que me apetece. Ninguém me pode impedir de ser feliz. Aqueles que insistem na existência do bem e do mal, lá no fundo, pretendem impedir-nos de sermos felizes. Porquê? Porque são uns infelizes. São uns frustrados. Nunca fizeram o que lhes apetecia na sua vida. Sempre cumpriram religiosamente o seu dever. E esse seu dever asfixiou-os, murchou-os e impediu-os de aproveitarem a existência». Todos já ouvimos algum raciocínio deste tipo. É um modo de pensar que se encontra em muitas pessoas ao nosso redor, sobretudo nos jovens. No entanto, não é um modo de pensar exclusivo dos nossos dias. Sempre esteve presente, na História da Humanidade, o equívoco de confundir a liberdade com fazer aquilo que nos apetece. É um equívoco relativamente comum, mas isso não significa que não seja, ao mesmo tempo, um erro crasso com funestas consequências para a vida de uma pessoa. Consequências que muitas vezes

só se descobrem tarde demais.Não é à toa que alguém disse, e com razão, que a educação consiste sobretudo em ensinar a usar bem a liberdade. É que nós, quer queiramos quer não, estamos obrigados a ser livres. Estamos obrigados a escolher um caminho concreto a percorrer nesta vida, entre as variadas bifurcações que se nos apresentam todos os dias. No entanto, temos de ter atenção a um "pequeno" detalhe da liberdade que nos pode passar despercebido: estamos obrigados a escolher mas não estamos obrigados a acertar. Com o mesmo dom da liberdade podemos construir a nossa vida ou destruí-la. Podemos desenvolver-nos ou degradar-nos. Podemos realizar o bem ou deixar-nos arrastar pelo mal. Podemos chegar à felicidade eterna ou perdê-la para sempre. Sermos livres não é, sem dúvida nenhuma, uma brincadeira com consequências inócuas. A liberdade não nos foi concedida para fazermos o que nos apetece, mas para fazermos aquilo que nos convém. A isso chamamos "bem". Ao que não nos convém, chamamos "mal".E se, com esperteza saloia, chamarmos ao "mal" "bem" porque nos apetece fazê-lo? Nesse caso, deformamos a nossa visão da realidade. No entanto, a realidade, a verdade das coisas, não se deforma. O tempo acabará por dar razão à realidade, não à nossa deformação mental. Não é por fecharmos os olhos à realidade que ela desaparece ou deixa de ser aquilo que é.Pois bem: para fazer o bem com constância, e não só quando nos apetece, temos de possuir uma autêntica força de vontade. A força de vontade liberta-nos das cadeias da nossa própria debilidade, das cadeias dos nossos apetites sensíveis. Torna-nos mais livres porque a liberdade exige um senhorio sobre nós mesmos. Quem não consegue dominar-se a si mesmo nunca poderá ser verdadeiramente livre. Sempre será escravo dos seus gostos e dos seus caprichos.

Pe. Rodrigo Lynce de Faria

" Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida"

Act 6, 1-7

Sal 33, 1-2. 4-5. 18-19

1 Pedro 2, 4-9

Jo 14, 1-12

"Se Me conhecêsseis, conheceríeis também o meu Pai. Mas desde agora já O conheceis e já O vistes». Disse-Lhe Filipe: «Senhor, mostra-nos o Pai e isto nos basta». Respondeu-lhe Jesus: «Há tanto tempo que estou convosco e não Me conheces, Filipe? Quem Me vê, vê o Pai. Como podes tu dizer: 'Mostra-nos o Pai'? Não acreditas que Eu estou no Pai e o Pai está em Mim? As palavras que Eu vos digo, não as digo por Mim próprio; mas é o Pai, permanecendo em Mim, que faz as obras. Acreditai-Me: Eu estou no Pai e o Pai está em Mim; acreditai ao menos pelas minhas obras. Em verdade, em verdade vos digo: quem acredita em Mim fará também as obras que Eu faço e fará obras ainda maiores, porque Eu vou para o Pai»."

Jesus questiona os discípulos depois de se afirmar como caminho verdade e vida, é um desafio à minha fé. Será que eu sigo outros caminhos? Procuro que a verdade que é Jesus transforme a minha vida? Reconheço que a vida é um dom de Deus? Acredito na vida Eterna?

As respostas a estas questões não são nem lineares nem rápidas, porque se jogam nelas a nossa vida e a nossa fé.

Neste domingo o que Jesus nos pede é que sejamos capazes de acreditar nele, de o testemunhar. Jesus garante-nos a sua presença e a sua ajuda e diz-nos que somos capazes de fazer coisas maiores do que Ele.

Esta presença real de Jesus através do seu Espírito é clara nas leituras de hoje, nos actos dos apóstolos surge a necessidade de anunciar a boa nova, de pregar de dizer com a vida que Ele é o ressuscitado. São Pedro diz-nos que somos pedras vivas e como a pedra angular também somos construtores da Igreja.

"Cristo! Sinto a necessidade de o anunciar, não posso calá-lo: "Ai de mim, se não anunciar o Evangelho!" (1Co 9,16) Sou enviado por ele para isso mesmo; sou apóstolo, sou testemunha. Quanto mais longe está o objectivo e mais difícil é a missão, mais premente é o amor que me impele (2Co 5,14). Devo proclamar o seu nome: Jesus é o Cristo, o Filho do Deus vivo (Mt 16,16). É ele que nos revela o Deus invisível, o primogénito de toda a criatura, o fundamento de todas as coisas (Cl 1,15s). Ele é o Mestre da humanidade e o Redentor: nasceu, morreu e ressuscitou por nós; é o centro da história e do mundo. É quem nos conhece e nos ama; é o companheiro e o amigo da nossa vida. É o homem da dor e da esperança; é o que deve vir e que será um dia nosso juiz e também, assim o esperamos, a plenitude eterna da nossa existência, a nossa felicidade.

Nunca mais acabaria de falar dele: ele é a luz, é a verdade; muito mais, é "o Caminho, a Verdade e a Vida" (Jo 14,6). Ele é o Pão, a Fonte de água viva que responde à nossa fome e à nossa sede (Jo 6,35; 7,38); ele é o Pastor, o nosso guia,

o nosso exemplo, o nosso reconforto, o nosso irmão. Como nós, e mais do que nós, foi pequeno, pobre, humilhado, trabalhador, infeliz e paciente. Para nós, falou, realizou milagres, fundou um Reino novo onde os pobres são bem-aventurados, onde a paz é o princípio da vida em comum, onde os que têm o coração puro e os que choram são exaltados e consolados, onde os que aspiram à justiça são atendidos, onde os pecadores podem ser perdoados, onde todos são irmãos.

Jesus Cristo: vocês já ouviram falar dele e até, para a maioria, vocês pertencem-lhe, vocês são cristãos. Pois bem! A vocês, cristãos, eu repito o seu nome, a todos anuncio: Jesus Cristo é "o princípio e o fim, o alfa e o ómega" (Ap 21,6). Ele é o rei do mundo novo; é o segredo da história, a chave do nosso destino; ele é o Mediador, a ponte entre a terra e o céu...; o Filho do homem, o Filho de Deus..., o Filho de Maria... Jesus Cristo! Lembrem-se: é o anúncio que fazemos para a eternidade, é a voz que fazemos ressoar por toda a terra (Rm 10,18) e para os séculos que hão-de vir. Ámen."

Papa Paulo VI
Manila, 29 de Novembro 1970

Não vos deixarei órfãos!

Act 8, 5-8.14-17

Sl 65 (66), 1-7a. 16-20

1Pe 3, 15-18

Jo 14, 15-21

«Se me tendes amor, cumprireis os meus mandamentos, e Eu apelarei ao Pai e Ele vos dará outro Paráclito para que esteja sempre convosco, o Espírito da Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; vós é que o conheceis, porque permanece junto de vós, e está em vós.» «Não vos deixarei órfãos; Eu voltarei a vós! Ainda um pouco e o mundo já não me verá; vós é que me vereis, pois Eu vivo e vós também haveis de viver. Nesse dia, compreendereis que Eu estou no meu Pai, e vós em mim, e Eu em vós. Quem recebe os meus mandamentos e os observa esse é que me tem amor; e quem me tiver amor será amado por meu Pai, e Eu o amarei e hei-de manifestar-me a ele.»

Se me tendes amor, cumprireis os meus mandamentos, guardareis a minha Palavra."

O grande mandamento de Jesus é que nos amemos como Ele nos amou. Mas é tão difícil amar assim! Amar nas situações concretas que são adversas! Nos nossos relacionamentos quotidianos estão sempre a surgir dificuldades: uma pessoa da família que se tornou mais difícil porque está velha ou doente, e é preciso ter uma paciência infinita, porque o que apetece às vezes é arranjar desculpas

para não estar com ela…

Em casa, quando cada um se isola e que há que lutar para que haja momentos de convívio, de diálogo, para que haja comunhão…Na Comunidade, quando há pontos de vista tão diferentes e cada um quer que o seu vença, porque cada pessoa se acha mais válida, onde umas vezes devemos calar, outras falar a bem, onde há tanto que esquecer e perdoar… Este amor gratuito é mesmo difícil. Chegamos até a pensar se será possível?!Jesus seria um sonhador irrealista se nos viesse propor coisas impossíveis.Ele conhece bem o ser humano, já que foi alguém que viveu no meio de nós; sabe da nossa fragilidade; mas também acredita que podemos ir longe e dá-nos condições para isso. E a condição principal é que fica para sempre connosco. Ele disse aos apóstolos: “Não vos deixarei órfãos! Eu voltarei a vós!”

Com a morte de Jesus o mundo deixou de vê-lo. Mas Jesus afirma aos discípulos que eles continuarão a vê-lo porque Ele vai continuar vivo, Ele vai ressuscitar. E continua vivo, de uma maneira especial, naquele que O segue, que é Seu discípulo e que faz a Sua vontade.

E para facilitar as coisas Jesus promete e dá-nos outro Paráclito, outro defensor, o Espírito da Verdade, para que esteja sempre connosco. Também a este o mundo não pode ver nem conhece. Ele não é visível a olhos nus, mas a sua acção é perceptível através dos frutos de vida daquele que O acolhe. É bonito ver como o Espírito Santo, que é o Amor do Pai e do Filho, vem tornar presente em nós, cada um deles: o Pai e o Filho. E Jesus, que agora já não está na terra, pode viver em cada pessoa, pelo Espírito. Por isso pode chegar a muito mais pessoas, pode chegar a todas. Só é preciso que O conheçam, que O queiram, que O acolham.O facto de Jesus

vir morar em nós, juntamente com o Pai, pelo Espírito Santo, é o que permitirá que amemos à Sua semelhança, um amor que vai até ao extremo, nos limites de cada situação, em que seria impensável amar.

Durante a Quaresma passada rezei uma vez com uma passagem da Carta de S. Paulo aos Romanos que dizia que Cristo nos amou quando ainda éramos pecadores. Coincidiu com um momento em que me sentia triste com uma pessoa que não me tinha tratado muito bem e foi importante perguntar a Jesus se seria possível esquecer aquilo e voltar a amá-la como antes. E percebi a importância dessa passagem no concreto: Jesus amou-nos assim, na nossa condição de pecadores. É fácil amar aqueles que nos tratam bem, mas quando nos ofendem é bem diferente! E percebi que esse era o desafio que Ele me lançava: amar essa pessoa que me tinha ofendido. Então escutei que Jesus me dizia que era possível porque era Ele em mim que o conseguia, pelo Seu Espírito.Tenho pedido a Jesus que através deste Paráclito me encha desse amor que eu não tenho, mas que Ele me pode dar. E sinto que vou dando passos, mesmo que pequenos.Saber que não estou só em nenhuma circunstância, que não estou órfão, que este Deus quis ficar para sempre em cada um de nós, nas suas 3 pessoas e que isso transforma profundamente a minha vida porque me habilita a amar de uma maneira nova, melhora muito a minha qualidade de vida e a dos que me rodeiam.

“Só Deus pode fazer o impossível, mas tu podes fazer o possível”, diz a Madre Teresa de Calcutá. O possível, neste caso, é acolhê-lo cada dia, pedir ao Espírito Santo que me faça consciente de que sou habitada por Deus e de que posso amar à sua semelhança e em seguida, pôr em prática a Sua Palavra no concreto da minha vida.

Transformados pelo Espírito e por Ele habitados e guiados, espontaneamente irradiamos o seu mesmo amor, gozo e paz. A nossa carne e sangue, vivificados pelo Espírito Santo, produzem fecundidade em toda a Igreja. Fiel ao Espírito, a nossa vida abre-se como o lado de Jesus para gerar muitos à Vida de Deus. Ao ritmo do Espírito de amor, dono e senhor do nosso ser, a nossa tenda neste mundo estende-se por gerações sem fim para vitalização de todo o Corpo de Cristo.

nº 60 Constituições FAMVD

Somos discípulos de Jesus

Act 1, 1-11

Sl 46, 2-3.6-7.8-9

Ef 1, 17-23

Mt 28, 16-20.

"Os onze discípulos partiram para a Galileia, para o monte que Jesus lhes tinha indicado. Quando o viram, adoraram-no; alguns, no entanto, ainda duvidavam. Aproximando-se deles, Jesus disse-lhes: «Foi-me dado todo o poder no Céu e na Terra. Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, baptizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado. E sabei que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos."

Na festa da Ascensão do Senhor celebramos a partida de um amigo. Em condições normais não haveria nada que merecesse ser celebrado, trata-se de um acontecimento por si triste. Mas este amigo que parte é especial e não chega a partir totalmente. Uma parte de si, e não apenas as recordações, mas o seu próprio corpo místico, permanecem connosco. Fazemos parte Dele. Isto parece ser pouco perceptível aos Apóstolos. A ideia que têm de Jesus parece ser algo muito próprio, obscurecido pela Sua imagem, pelo que acreditam e querem que seja o seu redentor. Ao princípio nada esperavam e decidiram partir para a Galileia, talvez para prosseguirem a sua vida como pescadores ou qualquer outro ofício, retomarem a sua vida anterior, como se Jesus pudesse passar pelas suas vidas sem as marcar indelevelmente. Depois passaram a esperar a restauração do Reino de David,

ou porventura uma manifestação espectacular da grandeza do seu mestre.

Durante este tempo, alguns apóstolos pareciam continuar a duvidar da ressurreição. Também eu caio na tentação de querer um Jesus à minha medida, principalmente que me ampare e resolva os problemas. Mas Ele é que marca o ritmo. Jesus revela-se lentamente ao longo da sua pregação e, após a sua ressurreição, permanece quarenta dias com os seus discípulos. Provavelmente seria bom continuarmos a tê-Lo, não apenas por quarenta dias mas mais tempo, na forma humana junto de nós. Tudo seria mais fácil. Mas a linguagem de Deus não funciona desta maneira. Deus quer-me adulto, não uma espécie de autómato da sua vontade. Acredito que Ele tem um desafio em cada momento da vida. Mesmo quando não correspondo ele está disposto a lançar um novo objectivo, qualquer coisa que me faça ser feliz junto do Pai. A liberdade que Deus nos dá começa nesta festa da ascensão. Como pássaros que abandonam o conforto do ninho, assim Jesus envia os seus discípulos "até ao fim do mundo". Agora a iniciativa de dar testemunho passou a ser nossa. Jesus deixa-nos no entanto uma promessa: Ele fará o Espírito Santo descer sobre nós. Os discípulos ficaram a olhar para o céu à procura de Jesus, mas a nossa missão não é ficar a olhar par o céu à espera do regresso de Jesus. Pelo contrário, somos convidados a construir o seu reino no tempo que vivemos, não numa estratosfera longínqua, mas aqui, na minha realidade concreta. E há muito para ser construído. A minha força, mesmo quando escrevo estas linhas, apenas poderá vir deste espírito que nos fortalece. Acho que é através dele que a Igreja tem resistido a toda a espécie de crises ao longo do tempo.

A nossa fé é a nossa responsabilidade de nos fortalecermos

no Espírito Santo e sermos o Copo de Cristo para os outros. Às vezes sinto que o simples facto de me julgarem Católico pressupõe uma diferença. Esperam qualquer coisa diferente de mim. Os que não acreditam na ressurreição e ascensão são os primeiros a esperar qualquer coisa de estranho. Ao mesmo tempo que somos chamados a viver no Mundo, também somos chamados a marcar a diferença no espaço que ocupamos. É isso que Deus, mas também a sociedade, espera de mim. A nossa missão consiste em preparar o regresso de Jesus junto dos que nada esperam. Às vezes sou um pouco como estas pessoas sem esperança. Ao primeiro contratempo, questiono-me, interrogo-me se realmente acredito e se tenho razões de esperança. Se não seria melhor Jesus deixar de confiar em mim. S. Lucas escreve nos Actos dos Apóstolos que não nos compete saber o tempo do regresso de Jesus. Até lá devemo-nos resignar com a nossa fragilidade. Esperar com esperança e alegrarmo-nos no Espírito que nos anima. Ele é a presença de Deus na terra, a força que faz com que o coração dos homens continue a acreditar.

Há alguns anos atrás, ao participar em Roma, na instalação do Secretariado Mundial da Evangelização 2000, a Madre Teresa de Calcutá foi entrevistada.- Madre Teresa, o que é para si evangelizar?Com uma simplicidade e profundidade impressionantes, ela respondeu:- Evangelizar é ter Jesus no Coração e levar Jesus ao coração dos irmãos.Só moram no nosso coração os que são amados. Para Jesus morar no coração é preciso que se tenham criado laços de amor entre a pessoa e Jesus vivo. Que Jesus nos ama, é verdade! Que Ele nos amou primeiro, está comprovado! Que Ele ama a todos porque os quer salvar, é certo! Mas é preciso que nos sintamos amados por Ele, nos deixemos amar e sintamos que O estamos amando. Não basta ter Jesus na cabeça... É preciso tê-lo no coração. Só depois podemos levá-lo ao coração do irmão porque ninguém dá o que não tem. É preciso estar evangelizado para evangelizar e fazer Jesus acontecer no coração das pessoas.Na Ascensão, Jesus eleva-se ao Céu. Deixou de estar connosco para estar em nós. Ele continua a evangelizar através de nós. Sursum corda, isto é, Corações ao alto! Que saibamos responder efectivamente que o nosso coração está em Deus porque Ele está no nosso coração.

Pe. José David Quintal Vieira, scj

Um Pentecostes para a Vida

Act 2, 1-11

Salmo 103,1-2.24.34

1 Cor 12, 3-7.12-13

«Quando chegou o dia de Pentecostes, todos eles estavam reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um barulho como o sopro de um forte vendaval, e encheu a casa onde eles se encontravam. Apareceram então uma espécie de línguas de fogo, que se espalharam e foram poisar sobre cada um deles. Todos ficaram repletos do Espírito Santo, e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem. Acontece que em Jerusalém moravam judeus devotos de todas as nações do mundo. Quando ouviram o barulho, todos se reuniram e ficaram confusos, pois cada um ouvia os discípulos a falar na sua própria língua.»

Jo 20, 19-23

Era o primeiro dia da semana. Ao anoitecer desse dia, estando fechadas as portas do lugar onde se achavam os discípulos por medo das autoridades dos judeus, Jesus entrou. Ficou no meio deles e disse: «A paz esteja convosco». Dizendo isto, mostrou-lhes as mãos e o lado. Então os discípulos ficaram contentes por ver o Senhor. Jesus disse-lhes novamente: «A paz esteja convosco. Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós». E, tendo dito isto, Jesus soprou sobre eles, dizendo: «Recebei o Espírito Santo. Os pecados daqueles a quem perdoardes serão perdoados. Os pecados

Jo 20, 19-23 daqueles a quem não perdoardes não serão perdoados».

A primeira frase da primeira leitura do dia de Pentecostes chama-me a atenção: "Encontravam-se todos reunidos no mesmo lugar" (Act 2,1). Vejo algo muito importante que por vezes esquecemos: "Estar juntos", "estar num mesmo lugar", "estar com os mesmos sentimentos", que é o mesmo que dizer: "Estar unidos". Jesus insistiu muito com os seus discípulos quando estava entre eles: "Permanecei unidos a Mim" (Jo 15,4) e também orou insistentemente ao Pai "que sejam um como Tu e Eu" (Cfr. Jo17,22).

Ainda que por vezes parecesse que os apóstolos não entendiam nada, a necessidade ajudou a concretizar aquilo que Jesus lhes tinha dito: "Sozinhos não podereis fazer nada, mas unidos a mim dareis muito fruto" (Cfr. Jo 15,5).

Quando leio o evangelho, a surpresa é grande porque também começa por dizer o mesmo: "estando todos reunidos" (Jo 20,19). Tanto a leitura dos Actos dos Apóstolos, como o Evangelho de João parecem indicar-nos que o "estar juntos" favorece a presença do Espírito e de Jesus. É como se tanto Jesus como o Espírito pensassem "já que estão juntos, aproveito para dizer a todos o mesmo".

Para todos nós esta é uma grande lição! Nós, os cristãos, em muitos momentos da nossa vida, somos muito intimistas, muito de "Deus e Eu", e esquecemos essa dimensão comunitária tão importante (rezar juntos, orar juntos, ter um grupo onde oramos e pessoas com quem partilhamos o tempo de oração). Se calhar, este Pentecostes pode ajudar-nos a favorecer esta dimensão comunitária, tão necessária

para toda a vida. Se assim o fizéssemos, a nossa Igreja, as nossas paróquias, as nossas comunidades seriam muito mas eficazes, dariam muito fruto.

Continuando a leitura dos Actos dos Apóstolos, vemos como o Espírito proporciona um grande fruto. Todos se entendem ainda que falem diferentes línguas, porque há entre eles um mesmo Espírito, que faz com que falem uma mesma linguagem, que é a do amor com a qual todos se entendem. Na nossa sociedade, devíamos pegar neste exemplo. Nas nossas reuniões, mesmo falando a mesma língua, temos que gastar tanto tempo para nos entendermos razoavelmente e ainda mais difícil é estarmos de acordo! Se calhar isso acontece porque falamos com a boca e com as ideias de cada um, mas não com simplicidade, com o coração e com um mesmo Espírito. Se pensamos nas reuniões dos políticos, até têm tradutores, intérpretes, meios tecnológicos para ouvir todos o mesmo, mas que difícil é tomar decisões comuns quando ouvimos o mesmo, mas os interesses são particulares e diferentes uns dos outros. Se em algumas destas reuniões tivesse presente esse Espírito que dá como fruto a fraternidade, o nosso mundo seria bem diferente.

Se continuamos a ler o Evangelho, Jesus também oferece um fruto importante e necessário: “a paz “, paz para cada um, paz para a comunidade dos apóstolos, paz para o mundo.

Escutamos que Jesus nos oferece a paz? À nossa família, aos nossos grupos, aos nossos países?

Creio que estas leituras são muito actuais. No nosso mundo, com tanta desigualdade, com tanta falta de entendimento, com tanta falta de paz, até a segunda leitura da carta de Paulo aos Coríntios poderia ser um programa de vida:”Há diversidade de dons mas o espírito é o mesmo; há

diversidade de serviços, mas o Senhor é o mesmo; há diversos modos de agir, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos. A cada um é dada a manifestação do Espírito, para proveito comum". Se isto é verdade, e nós cristãos acreditamos neste modo de vida, porque é que o mundo não está melhor? Onde estão os pais e mães de família cristãos, onde estão as famílias nas quais cada um ocupa o seu próprio lugar e o resultado é um espaço de paz, de convivência serena, de carinho, de responsabilidade e de respeito? Onde estão os empresários, os economistas, os políticos cristãos que colocam o bem comum à frente dos seus próprios interesses, êxitos ou programas? Onde estão os professores, os médicos, os cristãos que vivem a sua profissão como uma vocação de entrega aos seus alunos e doentes? E nas igrejas, onde estão os padres, os catequistas, os animadores de grupos interessados em que seja o mesmo Espírito que dinamize a paróquia? E onde estão os empregados, os cabeleireiros, os que varrem as ruas, os condutores de autocarro, os que vivem o seu trabalho com a responsabilidade e que contribuem para o bem comum?

Enfim, podemos ver que as passagens de este dia de Pentecostes, que por vezes pensamos que por ser dia do Espírito podem ficar muito nas nuvens, são muito "aterradas" e muito para o nosso dia-a-dia.

Tudo seria diferente se cada um soubesse qual o seu próprio talento, a sua missão e se a vivêssemos como uma oferenda única e irrepetível para o bem comum.

Não sei se fui capaz de explicar o que eu senti como compromisso desta oração com as leituras do dia de Pentecostes, mas eu fiquei entusiasmada com a ideia de que poderíamos mudar a nossa vida e o nosso mundo se

vivêssemos segundo a vida do Espírito! Os frutos que poderíamos dar se vivêssemos tudo isto daria uma felicidade que buscamos com ansiedade e que não conseguimos encontrar…

Para continuar a aprofundar este tema, podem ler o capítulo 12, versículos 12 a 30 da 1ª carta de Paulo aos Coríntios. Como funciona o corpo quando cada um dos seus membros cumpre a sua missão? Quando ninguém pensa que é melhor que o outro, quando todos buscam o bem do próprio corpo, quando mesmo os que parecem mais importantes funcionam na intimidade e nem sequer vemos o seu funcionamento. E pensem no contrário, quando um membro quer chamar a atenção, quando pensa que tem que funcionar mais que os outros, … Então e quando o corpo começa a desequilibrar-se, a sentir-se mal e a provocar situações irreversíveis de doença.

Se começamos a viver de acordo as leituras do dia de Pentecostes, há esperança para o mundo!

Só agora leio o refrão do Salmo de hoje e vejo que confirma a minha oração: “Envia Senhor o Teu Espírito e enche toda a terra”, que é o mesmo que pedir: Envia o Teu Espírito e toda a terra terá vida autêntica.

De facto, o corpo é um só, mas tem muitos membros; e no entanto, apesar de serem muitos, todos os membros do corpo formam um só corpo. Assim acontece também com Cristo. Pois todos fomos baptizados num só Espírito para sermos um só corpo, quer sejamos judeus ou gregos, quer escravos ou

livres. E todos bebemos de um só Espírito. O corpo não é feito de um só membro, mas de muitos. Se o pé diz: «Eu não sou mão; logo, não pertenço ao corpo», nem por isso deixa de fazer parte do corpo. 16. E se o ouvido diz: «Eu não sou olho; logo, não pertenço ao corpo», nem por isso deixa de fazer parte do corpo. Se o corpo inteiro fosse olho, onde estaria o ouvido? Se todo ele fosse ouvido, onde estaria o olfacto? Deus é que dispôs cada um dos membros no corpo, segundo a sua vontade. Se o conjunto fosse um só membro, onde estaria o corpo? Há, portanto, muitos membros, mas um só corpo. O olho não pode dizer à mão: «Não preciso de ti; e a cabeça não pode dizer aos pés: «Não preciso de vós». Os membros do Corpo que parecem mais fracos são os mais necessários; e aqueles membros do corpo que parecem menos dignos de honra, são os que cercamos de maior honra; e os nossos membros que são menos decentes, nós tratamo-los com maior decência; os que são decentes, não precisam desses cuidados. Deus dispôs o corpo de modo a conceder maior honra ao que é menos nobre, a fim de que não haja divisão no corpo, mas os membros tenham igual cuidado uns para com os outros. Se um membro sofre, todos os membros participam do seu sofrimento; se um membro é honrado, todos os membros participam da sua alegria. Ora, vós sois o corpo de Cristo e sois seus membros, cada um no seu lugar. Aqueles que Deus estabeleceu na Igreja são, em primeiro lugar, Apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, mestres... A seguir vêm os dons dos milagres, das curas, da assistência, da direcção e o dom de falar em línguas. Acaso, são todos Apóstolos? Todos profetas? Todos mestres? Todos realizam milagres? Têm todos o dom de curar? Todos falam línguas? Todos as interpretam? 1 Cor 12, 12-30

parte II

a esperança é possível

A Esperança é possível

Quando me pediram para fazer esta introdução, quase fiquei sem respiração. Falar de esperança agora, precisamente agora?

- Quando faz quatro dias que uma grande parte do Japão ficou totalmente destruída;
- Quando a ameaça de desastre nuclear está em 5 numa escala 7;
- Quando Kadafi massacra o seu povo, e a comunidade internacional está a ponderar intervir ou não;
- Quando mais de 200.000 jovens se manifestam em Lisboa, pedindo um futuro melhor;
- Quando a crise económica está a desestruturar sociedades, famílias e pessoas;
- Quando eu estou agoniada porque tenho que resolver uma actividade que me ultrapassa;
- Quando… quando…

Tenho a tentação de dizer "sabem… é melhor falar de desesperança porque o que posso dizer da esperança é que por agora é impossível!"

Mas a equipa do caderno não me está a pedir que escreva e fale da esperança mas sim que reze sobre a esperança, o que é bem diferente. Falar de esperança é difícil nos tempos que correm, mas rezar a esperança e com esperança é uma outra coisa.

Ter esperança é como ter fé, ou melhor, para ter esperança temos que ser homens e mulheres de fé. Rapidamente chega à minha mente o capítulo 11 da Carta de Paulo aos Hebreus.

Na minha oração começo por ler devagar esta carta aos Hebreus:

"Ora a fé é garantia das coisas que se esperam e certeza daquelas que não se vêem" e logo a seguir há um longo relato com a vida de homens que têm acreditado contra toda a esperança porque tinham fé e que em situações completamente desesperançadas fizeram gestos inacreditáveis, e o texto de maneira insistente dizem que o faziam porque tinham fé.

"Pela fé… Abel…
"Pela fé… Henoc…
"Pela fé… Abraham
"Pela fé… Noé…
"Pela fé… Moisés…

O capítulo 11 termina dizendo que ainda se poderia falar de… e há uma outra lista de pessoas que actuaram quase "contra natura" porque tinham fé.

Mas isto não é tudo. Não é que a fé nesses momentos actuasse como varinha mágica que solucionava de vez as situações ou que abria um horizonte de luz cheio de esperança. Não! O texto diz "E todos estes, apesar de terem recebido um bom testemunho, graças à sua fé, não alcançaram a realização da promessa". Ou seja, a sua fé ajudava a seguir, mas o final não estava tão assegurado.

Continuo a ler o versículo 1 do capítulo 12: "Deste modo, também nós, circundados como estamos de tal nuvem de testemunhas, deixando de lado todo o impedimento, corramos com perseverança a prova que nos é proposta, tenho os olhos postos em Jesus, autor e consumador da fé.

A verdade é que orar com este texto me tem dado um conforto e sobretudo uma esperança grande. A esperança não é ter as coisas positivamente resolvidas. É vivê-las com a fé posta n' Aquele que sabemos que tem força para as resolver da melhor maneira possível ainda que não seja como

nós pensávamos. O tempo e a vida confirmam que aquele que confiou no senhor não fica desiludido.

E para terminar só dizer que também vem à minha mente uma canção da comunidade que foi hino de um encontro de Páscoa “A esperança tem nome... JESUS!”

Se pegarmos nesta canção e orarmos com a sua letra acho que compreenderemos melhor que a esperança não é uma atitude, nem uma forma de ser, a esperança é ALGUÉM: é JESUS.

Há um ditado que diz “tudo tem solução menos a morte”, mas para os que acreditam até a morte tem uma porta de esperança porque Jesus ressuscitou. A Páscoa é o triunfo da fé e da esperança, porque é o triunfo de Jesus sobre tudo aquilo que parece impossível, porque nada é impossível para Deus.

A Esperança tem um nome

A esperança tem um nome,
a palavra tem voz.
Nosso grito uma resposta e
é Jesus, Jesus.
O futuro tem saída,
as trevas têm luz.
Nossa morte uma vitória e
é Jesus, Jesus.

Quando um homem responde
com a vida e a palavra,
quando alguém tenta ser-lhe fiel
no meio das suas lutas,
se com tudo isso chega ao fim...
essa vida nasce nova.
Jesus vence a nossa espera.

Só se o amor se arrisca,
pode resgatar o morto.
Só na entrega se fazem novas
as nossas esperanças.
Pela Tua cruz nasceu a liberdade...
A nossa vida faz-se nova,
Jesus vence a nossa espera.

Que saudades tenho de Ti!

Ainda ontem comentava com umas amigas, após um encontro e jantar de confraternização: sinto-me serena, em paz, pacificada por dentro. Tenho vindo a encontrar-me aos poucos, e cada vez mais vejo o meu caminho ladeado de luzes "pisca-pisca" que me traçam a rota na imensidão… tipo rota de aviões em aproximação ao aeroporto. Saiu-me esta conversa, assim mesmo, a propósito da partida física dos nossos entes queridos e amigos mas que em nós deixam as suas marcas. Acredito, pois, na sua presença, na sua protecção, no seu olhar terno … é assim que, sobretudo, vejo o nosso amigo Jesus, que um dia também partiu fisicamente, é claro, mas que a sua presença em mim é, por vezes, tão real, que até me causa arrepio.

Mas faz-me pena, continuava eu, dando boleia à "indirecta" que em pontas de pés se colava ao meu ouvido e à minha língua, faz-me pena, que as pessoas não sintam vontade, nem curiosidade em descobrir e experimentar estas mesmas coisas, as coisas que eu tenho vindo a descobrir…sobretudo a Fantástica pessoa que é Jesus, que foi Deus e foi Homem. Homem de vida perfeita. Modelo, referência para cada um de nós. E acrescentava eu, quanto mais leio e ouço coisas sobre Ele, mais apaixonada me sinto pela sua Pessoa. E acredito que, através dele, a santidade do homem é possível. Stª Teresa dizia que é urgente e necessário recorrer "… à humanidade de Cristo para santificar o humano da vida", "Aquele que segue Cristo, o homem perfeito, torna-se mais homem."

De facto, é este Deus Homem, próximo, que me seduz! É a certeza da sua presença constante que me fascina! É a grandiosidade do seu eterno amor que me maravilha.

"…à distância conheces os meus pensamentos……

estás atento a todos os meus passos……
e sobre mim colocas a tua mão…” Salmo 139(138)2,3,5

Quando estas certezas estão em nós, a desesperança que se cuide, não tem hipótese de sobrevivência, é um nado morto. A morte e a ressurreição de Jesus são a prova provada de que sem vontade, sem dedicação, sem sofrimento e sem parto doloroso, não se pode chegar à Luz; mas são também a prova provada de que o sofrimento é uma marca tatuada em nós, para que não esqueçamos de valorizar, cada dia, o encontro com o Senhor vivo, amoroso, cheio de misericórdia e de perdão…que sorridente e de braços abertos a todos acolhe no seu infinito abraço.Jesus, querido e amado chave da minha, da nossa Esperança!

Subi ao alto do monte e gritei: céu – à – vista

E foi um grito a plenos pulmões

E o grito era limpo e se deixou escorregar montanha abaixo, por entre vales e arribas e florestas e flores e ilhas.

E a esperança renasceu!

Mas como ainda sinto a tua falta! Morte tão precoce.

Que saudades tenho de Ti!

Contigo vivi lado a lado… e lado a lado nunca me apercebi…mas Tu morrias aos poucos, e eu contribuía e cega nada via…

Que saudades tenho de Ti!

E a esperança renasceu

O céu de azul se vestiu

O mar finito se tornou

O sol fez brilhar todas as cores.

E a esperança renasceu!

E a vida retornou e se enfeitou em grandes ramalhetes de flores nos meus olhos, nos Teus olhos…

E o amor venceu!

Estás vivo! Eu sei.

E quero-Te comigo, para sempre, ouviste?

(Vá lá…sussurra-me ao ouvido, diz-me que sim.)

Bíblia – o livro da Esperança

Se pegarmos no Antigo Testamento encontramos muitas promessas feitas a Noé, a Abraão, a Moisés … Numerosos profetas prometeram a vinda de um salvador, o anjo Gabriel prometeu a Maria um filho de Deus, Jesus prometeu um novo Reino, João evangelista promete um novo Céu e uma nova Terra. Encontramos assim histórias e pessoas que acreditaram no que não viam, no que nem sequer compreendiam (nem sei se estaria ao seu alcance), que viviam com Esperança (?) Destaco Maria apenas como exemplo…

Hoje, neste mundo e em realidades concretas, parece-me que tentamos sempre dar um sentido palpável e até credível à Esperança – esperar algo que vá ao encontro das minhas expectativas e necessidades. Esperamos que tudo corra bem, que a crise passe, os políticos se entendam e iluminem, as greves acabem, o dinheiro se multiplique, os trabalhos se tornem mais gratificantes, as relações afectivas mais lineares, a maternidade mais repousante, as férias mais longas e confortáveis. Queremos soluções rápidas para problemas concretos e viver em comunidade e em família parece-me que tem muitas vezes a vantagem de nos ajudar a encontrar mais rapidamente respostas, sentidos, alternativas, justificações e a sensação que tudo se resolverá!

Às vezes parece que a Esperança se mistura com a ingenuidade ou o optimismo e que é algo fútil. Afinal há tantos "podres" à nossa volta, como é possível ter Esperança e no quê?

Mas será isso a Esperança? O que é viver com Esperança como Maria? O que é esperar um novo Céu e uma nova Terra? Será humanamente possível e ao alcance de todos?

Estou convencida que sim, que a Esperança é um sinal de Fé e que muitas vezes desleixamos a nossa fé. Não investimos, não nos educamos, não damos espaço nem tempo suficientes para a fé ser um eixo constante na nossa vida.

Ter Esperança é conviver com um Deus Vivo e acreditar profundamente neste mistério sem o compreendermos. É deixarmos de querer controlar, materializar e compreender tudo o que se passa na nossa vida e nosso mundo. É deixarmos Deus ser Deus. Acho que foi isso que Maria fez … Acreditou, viveu na pele a experiência de um Deus vivo que ela não sabia explicar nem justificar. Alimentou esta relação com Deus, tornando-a íntima, exclusiva, concreta, diária, transversal a todas as dimensões da sua vida. Assim, passou a viver com os pés na Terra e o coração no Céu. Viveu a Esperança, se calhar sem lhe dar nome e foi e é hoje um sinal de Esperança no nosso Mundo.

As sementes desabrocham no escuro

O privilégio de estar na vida como acompanhante e ouvinte, torna-me testemunha do desabrochar de "sementes", tantas vezes, em sofrimento.

A jovem de 15 anos, de quem falo, sentia-se insegura e bloqueada para se poder relacionar nos diferentes meios, a raiz de não encontrar abertura, nem receptividade nos jovens que povoavam os seus âmbitos escolares e não só.

Olhares atentos a sua situação, puseram em marcha pequenos gestos, encontros, sugestões e inspirações. Algo de tão simples como um SMS, uma conversa não improvisada e oportuna, uma palavra directa de confiança e assertiva, um compromisso comprometido de encontro e conversa, a presença de Jesus e alguma leitura apropriada, foram abrindo caminho a tentativas, posicionamentos diferentes, desafios e propostas que mudaram a sua maneira de estar social.

Hoje, depois dum processo lento de um ano, com saltos qualitativos enormes, esta jovem é promotora de encontros, conversas, saídas e propostas, que a tornaram elo de ligação e encontros múltiplos e diversos, nos âmbitos de vida, onde antes, ela própria, vivia a rejeição.

Será que o tempo da Pascoa é tempo dum olhar novo que nos faça acarinhar as sementes que ainda estão presas no escuro?

A Nossa Esperança

O relato da ressurreição de Lázaro é surpreendente. Por um lado, nunca nos tinha sido apresentado um Jesus tão humano, frágil e afectuoso como neste momento em que morre um dos seus melhores amigos. Por outro lado, nunca tínhamos sido convidados tão directamente a crer no seu poder salvador «Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá... Crês nisto?»

Jesus não esconde o seu carinho para com estes três irmãos de Betânia que, certamente, o acolhem em sua casa sempre que vem a Jerusalém. Um dia Lázaro fica doente e as suas irmãs mandam um recado a Jesus: o nosso irmão "a quem tanto queres" está doente. Quando Jesus chega por fim à sua aldeia, já Lázaro estava no túmulo há quatro dias. Nada lhe poderá devolver a vida.

A família está dolorosa. Quando Jesus chega, Maria começa a chorar e nada a consola. Ao ver o lamento da sua amiga, Jesus não se contém e também começa a chorar. A sua alma rompe-se ao sentir a impotência de todos face à morte. Quem nos poderá consolar?

Há em nós um desejo insaciável de vida. Nós passamos os dias e os anos a lutar pela vida. Agarramo-nos à ciência e à medicina para prolongar a vida biológica, mas há sempre uma doença incurável.

Nem sequer seria bom viver esta vida para sempre. Seria horrível um mundo envelhecido, cheio de velhas e velhos, cada vez com menos espaço para os jovens, um mundo no qual não se renovaria a vida. O que aspiramos é uma vida diferente, sem dor nem envelhecimento, sem ânsias nem guerras, uma vida abundante para todos.Hoje vivemos numa sociedade que é descrita como "uma sociedade de incerteza" (Z. Bauman). Nunca o ser humano teve tanto poder

para construir uma vida mais feliz. E, contudo, nunca se sentiu tão impotente diante de um futuro incerto e ameaçador. Em quê que podemos ter esperança?

Como os humanos de todos os tempos, também nós vivemos rodeados de trevas. O que é a vida? O que é a morte? Como devemos viver? Como temos que viver? Antes de ressuscitar Lázaro, Jesus diz a Marta essas palavras que são para todos os seus seguidores um repto decisivo: «Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá... Crês nisto?»Apesar de dúvidas e obscuridades, os cristãos crêem em Jesus, Senhor da vida e da morte. Só n'Ele procuramos luz e força para lutar pela vida e para enfrentarmos a morte. Só n'Ele encontramos uma esperança de vida mais além da vida.

José Antonio Pagola
Rede evangelizadora BUENAS NOTICIAS
Da razón de tu esperanza. Pásalo.

Pôr tudo nas Suas mãos

Ouvi, há umas semanas, numa rubrica matinal da Rádio Renascença, uma meditação que me fez andar a pensar nela durante todo aquele dia e que passou, depois, para a minha oração, nos dias seguintes.

Dizia-se no texto que, nas situações tão difíceis que muitas pessoas vivem no presente, há algumas que continuam a sorrir, que se mantêm de pé, que não vacilam, que não perdem a serenidade. Essas pessoas vivem o tempo de trevas com a esperança de que a luz há-de vir e olham a cruz na certeza da Ressurreição; por isso, vivem já a Ressurreição: antecipam-na.

Questionava-me eu (e questionei o Senhor) como é possível viver assim. É, de facto, muito mais comum e mais fácil "ir na onda" do pessimismo e do negativismo que nos cercam. Já tenho sentido que, por vezes, nos olham como tontos, se nos atrevemos a ser optimistas. E voltava a questionar-me (e a questionar também Jesus): que razões temos nós, cristãos, para não nos deixarmos apanhar pela corrente?... Lembrava São Pedro, que nos diz que devemos estar sempre prontos a dar as razões da nossa esperança (cf. 1Pedro 3, 15).

Que razões são essas? Porquê acreditar, contra todas as evidências?... Via que Deus me convidava a olhar a História da Salvação: Abraão e Sara, Moisés, Isabel, Maria, José… e tantos outros homens e mulheres que acreditaram, que se abandonaram totalmente a Deus, que confiaram!E eles não sabiam da Ressurreição! Nós sabemos. Por isso, temos ainda mais motivos para ter esperança – são essas as razões da nossa esperança – Jesus morreu e ressuscitou; foi crucificado às mãos dos homens e voltou à vida pelo amor do Pai, "porque não era possível que a morte tivesse domínio

sobre Ele" (Romanos 6,9).

Então, será possível que as "mortes" do nosso quotidiano tenham domínio sobre nós? Não é, não pode ser! Na cruz e no sepulcro vazio encontramos as razões da nossa esperança. E também na Palavra, que temos sempre connosco: "Quem poderá separar-nos do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome (…)? Nem a morte, nem a vida, nem o presente, nem o futuro (…) nada nos poderá separar do amor de Deus!" (Romanos 8, 35-39).

E nesta certeza de fé das últimas palavras de Jesus aos seus amigos, já depois de ter ressuscitado: "Sabei que estarei sempre convosco, todos os dias, até ao fim dos tempos." (Mateus 28,20). E na Igreja, presença viva de Jesus no mundo de hoje; e no testemunho de outros tantos homens e mulheres que (tal como aqueles que referi atrás) nos mostraram e nos mostram com a vida, que é possível acreditar e esperar, mesmo no meio das maiores tribulações; aqueles a quem a meditação da Rádio Renascença aludia. Seremos nós esses homens e mulheres? Esse é o desafio!

Recordava também uma frase de São Paulo: "Sede alegres na esperança, pacientes na tribulação, perseverantes na oração." (Romanos 12, 12). De facto, a Palavra de Deus é para todos os homens, em todos os tempos. Mas esta pareceu-me especialmente indicada para a situação que muitos de nós vivem hoje.

E vinham-me também à memória dois homens, ambos escritores, ambos crentes, que nos falam da esperança: Charles Péguy (1873-1914), autor da frase "A fé que mais me surpreende é a esperança", e Chesterton (1874 -1936), que escreveu "A esperança é o poder da alegria em circunstâncias que sabemos serem desesperadoras."

"Eu faço novas todas as coisas." – diz Deus (Apocalipse 21, 5). E fará, na medida da nossa esperança e da nossa

confiança; fará, sempre que nós pusermos o que somos, o que temos, o que vivemos, o presente e o futuro, a nossa existência e a nossa história, a vida de todos os homens, todas as situações e todos os acontecimentos, …tudo nas Suas mãos.

Família Missionária Verbum Dei

Uma Família

A Família Missionária Verbum Dei (FaMVD), como o seu próprio nome indica, é primeiramente uma "Família" profundamente missionária e ao serviço da Palavra de Deus, formada por homens e mulheres de todas as culturas, línguas, nações e estados de vida. Os membros desta Família, movidos pela mesma missão e espiritualidade Verbum Dei, procuram seguir Cristo e transmitir a vida e o amor de Deus a todos os povos.

Três Ramos

No coração da Família Verbum Dei está a Fraternidade Missionária Verbum Dei (FMVD), uma Instituição de Vida Consagrada da Igreja Católica formada por pessoas que consagram a sua vida a Deus. Dela fazem parte:

_Dois Ramos celibatários (que professam os votos de pobreza, castidade e obediência) - Missionárias e Missionários consagrados.

_Casais Missionários - que se consagram a Deus através do sacramento do Matrimónio e de um compromisso solene que os vincula.

Fundada a 17 de Janeiro de 1963, em Maiorca (Espanha), pelo Rvdo. D. Jaime Bonet, a FMVD tem como Missão o anúncio da Palavra de Deus e a propagação do Seu Reino através:

_da oração;

_do ministério da Palavra;

_do testemunho de vida evangélica.

Fraternidade Missionária Verbum Dei

Rua José Lins do Rego, 7 - 1ºdto. 1700-262 Lisboa
Tel: 00351 21 7950957

Vale de Lobos
Tel: 00351 219624284

verbumdeilisboa@gmail.com
www.verbumdei.org/lisboa
www.jovens.vebumdei.org